

### **Caminhos Fraternos e Solidários**

*Paths of Fraternity and Solidarity*

*Caminos Fraternales y Solidarios*

DOI: 10.5965/259446301022026e8604

#### **Izabel Petraglia**

Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin e  
Centro Universitário Bandeirante de Ensino  
Lattes: 6460862782566101. Orcid: 0000-0002-9003-8998.  
Scopus: 57677912300. E-mail: [izabelpetraglia@terra.com.br](mailto:izabelpetraglia@terra.com.br)

#### **Mariangelica Arone**

Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin  
Lattes: 6392615349900234. Orcid: 0000-0002-0734-1858.  
E-mail: [angelicarone@yahoo.com.br](mailto:angelicarone@yahoo.com.br)

#### **Wilson Horvath**

Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin e Instituto Mix.  
Lattes: 1823674933191373. Orcid: 0000-0002-6560-5129  
Scopus: 58131966900. E-mail: [wilsonhorvath@yahoo.com.br](mailto:wilsonhorvath@yahoo.com.br)



Licenciante: Revista de Ensino  
em Artes, Moda e Design,  
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob  
uma licença Creative Commons  
Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do  
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2026 pelos autores.

---

Submetido em: 11/03/2026

Aprovado em: 27/04/2026

Publicado em: 01/06/2026

## Resumo

O artigo, que apresenta um estudo teórico, propõe uma reflexão sobre a urgência em se reconfigurar as relações humanas, com base nos princípios da fraternidade e da solidariedade, tendo como referência o pensamento complexo, de Edgar Morin. Num contexto de crise civilizacional, marcado pela fragmentação, desigualdades e ameaças ao futuro comum da humanidade, o autor nos convida à construção de uma fraternidade aberta, que reconhece o outro em sua alteridade e promove a convivência ética na diversidade. A fraternidade tem raízes biológicas e culturais e deve ser compreendida como expressão profunda da condição humana, presente em dinâmicas de cooperação, mutualismo e interdependência. A construção de uma fraternidade planetária exige ultrapassar os limites das identidades fechadas e cultivar "oásis de esperança", ou seja, espaços de resistência ética e social que promovam práticas solidárias e sustentáveis, como redes de ajuda mútua, economia solidária e ações comunitárias. Já a solidariedade não se limita ao altruísmo pontual, mas se constitui em um princípio estruturante da vida coletiva e planetária. Enraizada na consciência de pertença comum à espécie humana e à Terra, é necessária uma ética que seja capaz de superar o individualismo e que promova uma convivência responsável, democrática e regenerativa. Assim, o artigo conclui que os caminhos fraternos e solidários propostos por Morin são centrais para a construção de um novo paradigma civilizacional, capaz de enfrentar os desafios globais com esperança, consciência e corresponsabilidade.

**Palavras-chave:** Pensamento Complexo. Humanismo. Fraternidade. Solidariedade.

## Abstract

*This article, which presents a theoretical study, proposes a reflection on the urgency of reconfiguring human relations based on the principles of fraternity and solidarity, using Edgar Morin's complex thought as a reference. In a context of civilizational crisis, marked by fragmentation, inequalities, and threats to the common future of humanity, the author invites us to build an open fraternity that recognizes the other in their alterity and promotes ethical coexistence in diversity. Fraternity has biological and cultural roots and should be understood as a profound expression of the human condition, present in dynamics of cooperation, mutualism, and interdependence. The construction of a planetary fraternity requires overcoming the limits of closed identities and cultivating "oases of hope," that is, spaces of ethical and social resistance that promote solidarity and sustainable practices, such as mutual aid networks, solidarity*

*economy, and community actions. Solidarity is not limited to punctual altruism but constitutes a structuring principle of collective and planetary life. Rooted in the awareness of a shared belonging to the human species and to the Earth, an ethic is needed that is capable of overcoming individualism and promoting responsible, democratic, and regenerative coexistence. Thus, the article concludes that the fraternal and solidarity-based paths proposed by Morin are central to the construction of a new civilizational paradigm, capable of facing global challenges with hope, awareness, and shared responsibility.*

**Keywords:** Complex Thought. Humanism. Fraternity. Solidarity.

### Resumen

*Este artículo, que presenta un estudio teórico, propone una reflexión sobre la urgencia de reconfigurar las relaciones humanas basadas en los principios de fraternidad y solidaridad, tomando como referencia el complejo pensamiento de Edgar Morin. En un contexto de crisis civilizatoria, marcado por la fragmentación, las desigualdades y las amenazas al futuro común de la humanidad, el autor nos invita a construir una fraternidad abierta que reconozca al otro en su alteridad y promueva la convivencia ética en la diversidad. La fraternidad tiene raíces biológicas y culturales y debe entenderse como una expresión profunda de la condición humana, presente en dinámicas de cooperación, mutualismo e interdependencia. La construcción de una fraternidad planetaria requiere superar los límites de las identidades cerradas y cultivar "oasis de esperanza", es decir, espacios de resistencia ética y social que promuevan la solidaridad y prácticas sostenibles, como las redes de ayuda mutua, la economía solidaria y las acciones comunitarias. La solidaridad no se limita al altruismo puntual, sino que constituye un principio estructurante de la vida colectiva y planetaria. Enraizada en la conciencia de una pertenencia compartida a la especie humana y a la Tierra, se necesita una ética capaz de superar el individualismo y promover una convivencia responsable, democrática y regenerativa. Así, el artículo concluye que los caminos fraternales y solidarios propuestos por Morin son fundamentales para la construcción de un nuevo paradigma civilizatorio, capaz de afrontar los desafíos globales con esperanza, conciencia y corresponsabilidad.*

**Palabras clave:** Pensamiento Complejo. Humanismo. Fraternidad. Solidaridad.

## 1 Introdução

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos*

*Surpreenderá a todos não por exótico*

*Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio.*

*(Velo, 1976)*

Vivemos tempos em que o "óbvio", tantas vezes negligenciado, impõe-se como urgência histórica. A crise civilizacional contemporânea expõe os limites de nossos modelos econômico, social, político, demonstrando a falência de um pensamento fragmentado, incapaz de abranger a complexidade da condição humana. Nesse contexto, o presente estudo propõe uma reflexão sobre os fundamentos do Pensamento Complexo, de Edgar Morin, como possível caminho para a regeneração do humanismo, alicerçado em fraternidade, solidariedade e responsabilidade planetária.

A epistemologia da complexidade, proposta por Morin, promove uma via de religação entre saberes historicamente separados, e proporciona uma leitura abrangente e complexa da realidade. Trata-se de restabelecer vínculos entre razão e emoção, ciência e arte, sujeito e mundo, superando dicotomias que empobrecem a compreensão da vida.

Como Morin afirma (2022, n. p.)

Ser humanista doravante não é apenas saber que somos todos humanos semelhantes e diferentes, não é apenas querer escapar das catástrofes e aspirar a um mundo melhor. Ser humanista é também sentir intimamente que cada um de nós é um momento efêmero de uma aventura extraordinária, a aventura da vida que deu origem à aventura humana, que, ao longo de criações, tormentos e desastres chegou a uma crise gigantesca, na qual está em jogo o destino da espécie.

Ser humanista hoje é sentir-se parte de uma aventura extraordinária, que é a vida, que culmina com a crise atual da humanidade, em que está em jogo o destino da própria espécie. As crises sanitária, ambiental e civilizacional não exigem apenas soluções técnicas, mas uma reinvenção de significados. Somos chamados a assumir um novo protagonismo ético,

capaz de reconstruir o bem comum, renovar os laços sociais e reconectar-nos à natureza como partes do mesmo tecido.

A formação não pode limitar-se à transmissão de conteúdos fragmentados, mas deve incorporar a multidimensionalidade dos princípios do Pensamento Complexo, que promove aprendizagem que articula diversos aspectos da existência. Morin (2020) entende que estamos a viver uma crise múltipla que exige transformação do pensamento e revisão profunda de paradigmas. Para o autor, precisamos de um humanismo renovado, ancorado na solidariedade e na responsabilidade.

Por ocasião da pandemia de coronavírus, Morin afirmou (2020c, n. p.):

Vivemos uma crise tripla: a crise biológica de uma pandemia que ameaça indiscriminadamente as nossas vidas, aquela econômica nascida das medidas restritivas e a de civilização, com a abrupta transição de uma civilização da mobilidade para a obrigação de imobilidade. Uma crise múltipla que deveria provocar uma crise do pensamento político e do próprio pensamento. Talvez uma crise existencial saudável. Precisamos de um humanismo regenerado, que faz sua busca nas fontes da ética: a solidariedade e responsabilidade, presentes em toda sociedade humana. Essencialmente um humanismo planetário.

Morin, pensador transdisciplinar, identifica uma série de desafios com que a humanidade se depara, que estão interligados e refletem a complexidade do mundo contemporâneo. Vivemos num mundo em que os sistemas naturais e sociais são interdependentes e nos desafiam a compreender e a lidar com essa realidade complexa.

Ao denunciar o que nomeia de **policrise**, Morin e Kern (2011) evidenciam a intensificação das interações humanas com o meio ambiente, a perda da biodiversidade, o avanço das alterações climáticas e o adoecimento coletivo. Morin ainda adverte que "a gigantesca crise planetária é a crise da humanidade que não consegue atingir o estado de humanidade" (2015, p. 33), chamando-nos a refletir sobre alternativas para habitar o mundo de forma mais consciente e solidária.

É necessário pensar em novas formas de vida, enfrentando os desafios impostos por crises interligadas em nível social, ético, ambiental e político. Trata-se de aprender a viver num mundo em constante transformação,

cultivando postura crítica e aberta ao diálogo entre passado e presente. Tal como na epígrafe, que apresenta os versos da música **Um Índio**, de Caetano Veloso, precisamos recordar o que já sabemos, mas nos esquecemos: a fraternidade universal, o respeito pela Terra, a escuta das vozes ancestrais. A questão que se coloca é a seguinte: que tipo de humanos, de mundo e de sociedade queremos construir a partir desse quadro alarmante que estamos a viver na atualidade?

Desafiamo-nos a pensar além dos limites e possibilidades impostos pelo contexto de adversidades, a fim de compreender o imperativo da metamorfose humana para a sobrevivência e permanência do planeta. Aprender o mundo em mudança significa saber lidar com os seres vivos, de modo a adotar postura crítica com novo olhar sobre o diálogo e as relações, tanto com a tradição quanto com o contemporâneo.

Autores como Ailton Krenak reforçam essa visão ao lembrar-nos que a salvação não é algo individual. A consciência de interdependência é fundamento de uma ética de cuidado e solidariedade. A verdadeira aprendizagem para o mundo contemporâneo passa por reconhecer que as florestas, os rios e os ventos são extensões da própria vida, como sugere Krenak: “Estamos aqui para desfrutar a vida e, quanto mais consciência despertarmos sobre a existência, mais intensamente a experimentamos”. Isso se faz presente nas palavras do autor, também quando nos alerta (2021, n. p.):

Não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E quando percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra. Se você ainda vive a cultura de um povo que não perdeu a memória de fazer parte da natureza, você é herdeiro disso, não precisa resgatá-la. Mas se você passou por essa experiência urbana intensa, de virar consumidor do planeta, a dificuldade de fazer o caminho de volta deve ser muito maior.

É a partir dessa consciência de interdependência que podemos reconstruir uma ética da solidariedade, enraizada no cuidado com a Terra e com os outros seres que nela habitam. Entendemos que é importante prevalecer a ideia de que “A consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida” (Krenak, 2021, n. p.).

Não podemos ignorar que os modos de vida atuais atribuem novos contornos ao trabalho, à saúde, às relações humanas e ao meio ambiente. A pandemia apenas intensificou problemas preexistentes, com base em estruturas fragilizadas e desigualdades históricas. O presente exige um novo olhar para o humanismo, que inclua a capacidade de escutar, o amor pelas pequenas coisas da vida cotidiana, a valorização da presença do outro, a sabedoria dos povos originários e a aprendizagem do passado.

A superficialidade dos vínculos, a pressa em obter respostas e o distanciamento do sentido de pertença territorial revelam um sujeito contemporâneo marcado pela fragmentação. Oscilando entre o desejo de transformação e a dificuldade de comprometimento, vive-se em um espaço entre vazio existencial e esperança de um porvir.

Torna-se, assim, urgente repensar a construção do conhecimento. É necessário desenvolver uma ecologia das ideias e das ações que responda aos desafios do nosso tempo. Como afirmam Morin e Kern, em *Terra Pátria*: "A tomada de consciência da comunidade terrestre deve ser o acontecimento-chave do novo milênio: somos solidários deste planeta, a nossa vida está ligada à sua vida. Devemos arrumá-lo ou morrer" (2011, p. 178).

A epistemologia da complexidade, ao propor a religação dos saberes e ir além da fragmentação, oferece-nos uma perspectiva sensível e crítica para enfrentarmos os problemas locais e globais. A fraternidade e a solidariedade deixam de ser apenas valores éticos para se tornarem práticas vitais de resistência, cuidado e transformação. É nesse pensamento que se incluem renovação e desconstrução das fronteiras, ao se propor ultrapassar a fragmentação de conhecimentos e religar saberes, na tentativa de sentir o conhecimento e o contexto em relação.

Por fim, o desafio que se coloca é o de aprender a viver e a conhecer de forma diferente. Isso exige um pensamento renovado, comprometido com a vida em todas as suas dimensões, capaz de reconstruir significados e restaurar a dignidade da existência. Para isso, precisamos, pois, entrelaçar saberes, cultivar o sentimento de pertença no mundo e ativar, em cada gesto cotidiano, a possibilidade de um novo humanismo.

## 2 Caminho de fraternidade

Vivemos um tempo marcado por uma **policrise** – expressão de Morin que sintetiza a confluência de crises sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas interligadas. Essa realidade exige mais do que respostas pontuais, impondo-nos uma reorientação ética e civilizacional. É necessário superar a lógica individualista e competitiva que nos isola, abrindo caminho para um futuro baseado no bem comum, na empatia e na fraternidade.

Diante da complexidade do cenário atual, torna-se urgente recuperar saberes ligados à vida, à natureza e ao cosmos. Essa recuperação não significa apenas idealizar futuros possíveis, mas comprometer-se com práticas concretas que expressem novos modos de ser, fazer e viver. Aprender a viver exige uma visão que integre múltiplas dimensões da realidade, com base em princípios como o da hologramaticidade, segundo o qual a parte contém o todo e o todo se manifesta em cada parte. Compreender a humanidade como unidade na diversidade significa reconhecer que cada cultura, modo de vida e sentimento contém, em certa medida, a totalidade da experiência humana. Assim, a fraternidade emerge como valor fundamental para a reconstrução de laços rompidos, possibilitando transformação pessoal, social e planetária.

Esta visão redefine o próprio conceito de universalidade, não como uniformização, mas como diálogo entre local e global, entre afetos e saberes, entre singularidade e coletividade. Em cada parte, está presente a imagem do todo e é nesse espelhamento que se pode antever uma nova ética de solidariedade entre os seres vivos.

Nessa perspectiva, a fraternidade não é apenas um sentimento ou ideal abstrato, mas é uma postura global, um compromisso político e existencial. Afirmar que toda a vida importa é assumir a responsabilidade de regenerar o sentido em todas as suas formas, reconhecendo que a fraternidade é terreno fértil para o futuro da humanidade.

### 2.1 Fraternidade como Manifesto da Vida

No livro *Fraternidade: Para resistir à Crueldade do Mundo* (2019), Edgar Morin propõe fraternidade como manifesto! Um apelo à regeneração das

formas de convivência e à reinvenção do tecido social. Para que este ideal se concretize, é necessário renovar pensamentos, práticas e conhecimentos, abrindo-nos a novas formas de percepção e de relação com o mundo.

Historicamente, a noção de fraternidade surgiu no contexto da tradição cristã e foi politicamente ressignificada durante a Revolução Francesa, integrando a célebre tríade: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Esses princípios impulsionaram grandes transformações sociais e continuam a desafiar-nos a repensar o nosso modo de viver e conviver. No entanto, ao contrário da liberdade e da igualdade, que podem ser asseguradas por dispositivos legais, a fraternidade não pode ser imposta, mas sim cultivada como expressão ética e existencial.

Como afirma Morin (2019, p. 112):

[...] a liberdade sozinha mata a igualdade e a fraternidade; a igualdade imposta mata a liberdade sem realizar a fraternidade; a fraternidade, necessidade fundamental para que haja um vínculo comunitário vivido entre cidadãos, deve regular a liberdade e reduzir a desigualdade, mas ela não pode ser nem promulgada, nem instaurada por lei ou decreto.

A fraternidade é, portanto, uma prática simultaneamente afetiva e política, que se fundamenta no reconhecimento do outro como ser diferente. O ser humano é simultaneamente egocêntrico e relacional, sendo a sua sobrevivência dependente da coexistência e da interdependência. Cultivar, pois, fraternidade é afirmar a vida em comum, como valor essencial e inegociável.

## 2.2 Fraternidade Fechada e Fraternidade Aberta

Morin distingue dois modos de viver a fraternidade: um modo fechado, centrado em vínculos identitários restritos, como a família, a nação ou a ideologia, e um modo aberto, orientado pela convivência com a diversidade (2019). A fraternidade fechada tende a gerar exclusões, intolerância e nacionalismos exacerbados. Já a fraternidade aberta é um apelo ético à solidariedade universal, baseado no pluralismo, na democracia e no reconhecimento do outro na sua alteridade.

Avançar rumo à fraternidade aberta exige compreender as suas raízes biológicas e culturais. A cooperação e a ajuda mútua não são uma exclusividade humana, manifestando-se também em outras espécies e ecossistemas. Morin recorre a autores como Piotr Kropotkin e Arthur Tansley para questionar a visão reducionista da evolução baseada apenas na seleção natural, e defende que a solidariedade, o mutualismo e a simbiose são forças constitutivas da vida. Como Morin afirma (2019, p. 21): “Toda a vida comporta a necessidade existencial do outro, que assume uma forma predadora/parasitária ou associativa/simbiótica.”

A vida revela-se, assim, como uma teia complexa de relações interdependentes, envolvendo tanto cooperação como conflito. A esta compreensão, soma-se a sabedoria ancestral de Heráclito, para quem o universo é regido por forças opostas – concórdia e discórdia – em tensão criativa. Morin (2019) recupera este pensamento ao integrar os mitos de Eros (união), Pólemos (conflito) e Tânatos (destruição) como expressões da dinâmica vital.

Para o autor (2019, p. 23):

Concórdia cria organizações por meio de associações sistêmicas. Discórdia conduz à desintegração desses sistemas, e tudo isso continua e continuará ninguém sabe até quando... Já reiteramos que a vida é um nó górdio inevitável de associações, cooperações, ajudas mútuas e conflitos, predações, antagonismos e incessantes combinações entre vida e morte. Desse modo, a vida obedece à relação indissolúvel entre concórdia e discórdia, que também poderíamos denominar de relação indissolúvel entre Eros, que sempre busca unir, Pólemo que sempre busca opor, e Tânatos que sempre busca destruir.

Esta reflexão é fundamental para compreender a complexidade da convivência humana. A fraternidade, em sentido amplo, manifesta-se por meio do reconhecimento da interdependência entre todos os seres vivos. Longe de ser apenas uma noção moral, a fraternidade se configura como princípio estruturante da vida, presente nas relações de cuidado, colaboração e redes de apoio mútuo. A fraternidade abrange experiências como paternidade, maternidade e sororidade, criando uma irmandade ampliada. Os diversos seres vivos nascem, sobrevivem e se desenvolvem no meio de sistemas de inter-relação que transcendem as dicotomias entre o "eu" e o "outro", o "próximo" e o "estranho", o "individual" e o "coletivo".

Assim, a fraternidade aberta nos convida a reconhecer a humanidade como parte da ecologia da vida e a solidariedade não é apenas uma virtude ética, mas uma condição existencial de resistência, continuidade e esperança.

### 2.3 Rumo à Fraternidade Planetária

A restauração da fraternidade humana é essencial para a regeneração do tecido social e civilizacional contemporâneo. Trata-se de recuperar a experiência calorosa das relações fraternas, vividas no seio das famílias e nas interações sociais que cultivam o afeto, a solidariedade e o reconhecimento mútuo. Mais do que uma utopia, Morin afirma: “É preciso, enfim, ter esperança e acreditar na probabilidade de transformar o mundo num lugar que respeita as diversidades, denominado Terra-pátria” (Morin; Kern, 2011, p. 83).

O cenário atual, marcado pela fragmentação, pelo conflito e pela perda dos laços solidários, também oferece oportunidades de regeneração. A construção de uma fraternidade planetária impõe um desafio essencial, que é o de criar identidades coletivas que ultrapassem o isolamento subjetivo e fomentem uma cultura de convivência.

Essa fraternidade não é apenas um ideal ético ou filosófico, mas tem raízes nas estruturas profundas da vida. Manifesta-se nas relações primordiais — maternidade, paternidade e sororidade — que sustentam a existência desde o nascimento. Como Morin lembra (Morin, 1997, p. 100): “Não há irmãos sem mãe”.

A fraternidade é, portanto, o fundamento relacional da condição humana. Ampliá-la para além dos vínculos imediatos representa um grande desafio. Trata-se de uma urgência civilizacional. Sem fraternidade, a humanidade corre o risco de entrar em colapso.

### 2.4 A Urgência dos Oásis de Esperança

Embora a fraternidade seja frequentemente promovida em contextos locais e nacionais, a sua concretização em escala planetária — que implica solidariedade e cooperação globais — representa um desafio significativo. Barreiras culturais, políticas, econômicas e sociais dificultam a criação de laços fraternos entre povos, países e regiões. Diante da ameaça de um

colapso civilizacional, torna-se urgente cultivar espaços alternativos, que Morin (2019) designa de "oásis de fraternidade".

Esses oásis representam territórios simbólicos e práticos de resistência. Constituem-se em brechas de esperança em um mundo marcado pela lógica da fragmentação, do individualismo e da colonialidade dos saberes e dos poderes. Ao desafiarem formas de subjetividade moldadas pelo consumo compulsivo, pelo pensamento tecnocrático e pela supremacia do lucro, abrem-se caminhos para a autonomia pessoal e para o fortalecimento de redes comunitárias solidárias.

Tais iniciativas visam romper com os padrões hegemônicos sustentados pela competição e pelo cálculo utilitarista, propondo um novo paradigma de convivência. A cultura do "faça você mesmo", aliada à autossuficiência e ao apoio mútuo, está na origem de experiências de vida enraizadas na solidariedade, no cuidado e na construção coletiva do bem comum. Cozinhas comunitárias, redes de ajuda mútua, hortas urbanas, ações de voluntariado e projetos de economia solidária são exemplos concretos de práticas transformadoras. Destaca-se, ainda, o fortalecimento da relação entre agricultura orgânica e sustentabilidade. Morin (2019) destaca a economia solidária como um pilar para o desenvolvimento local, articulado com a criação de espaços ecologicamente responsáveis e permeados pela fraternidade e pelo respeito pela vida.

Apesar das limitações impostas pelo atual modelo de globalização neoliberal, há alguns sinais promissores de mudança no presente. Entre as contradições do mundo contemporâneo, o autor reconhece "germes, esboços de uma civilização que valoriza o florescimento pessoal na fraternidade, do 'eu' no 'nós'" (Morin, 2019, p. 46). Estes indícios revelam que, mesmo em meio à crise, é possível antever alternativas viáveis e imaginar novos modos de viver e conviver.

A construção de uma fraternidade planetária não depende apenas de mudanças estruturais, mas requer, sobretudo, um novo imaginário ético e cultural, capaz de sustentar relações baseadas na interdependência, na valorização das diversidades e na corresponsabilidade pelo destino comum da Terra-Pátria.

### 3 Caminho de solidariedade

Em consonância com Einstein, quando afirma (1953, p. 10): “Eu, enquanto homem, não existo somente como criatura individual, mas me descubro membro de uma grande comunidade humana. Ela me dirige, corpo e alma, desde o nascimento até a morte”, Morin entende que solidariedade é um princípio vital para que a humanidade enfrente os desafios contemporâneos, marcados pela complexidade e interconexões globais. Não se trata apenas de um valor moral, mas de um componente estruturante da vida social e planetária, diretamente vinculado à regeneração do humanismo e à consciência do destino comum.

A solidariedade deve ser cultivada em todos os aspectos da existência. Vivemos em um planeta partilhado e os grandes problemas, tais como, alterações climáticas, crises sanitárias, degradação ambiental e desigualdades sociais, exigem respostas coletivas e interligadas.

Morin assevera (2020d, n. p.):

Que fique bem claro, precisamos de uma solidariedade nacional que é essencial, mas se não compreendermos que é preciso uma consciência comum do destino humano, se não ampliarmos os laços de solidariedade, se o pensamento político não mudar, a crise de humanidade se agravará cada vez mais.

Superar o individualismo fragmentador é, portanto, uma exigência ética e civilizacional. O pensamento complexo propõe o resgate da tríade indivíduo-sociedade-espécie como base para uma nova compreensão da existência. Os seres humanos, enquanto sistemas abertos e em constante interação, são corresponsáveis pelas dinâmicas sociais e ecológicas que sustentam a vida.

Nesse sentido, a solidariedade vai além de altruísmo ocasional. Trata-se de uma postura comprometida com a interdependência entre os sujeitos e com o cuidado mútuo entre os seres humanos e o planeta. Trata-se, como Morin e Kern afirmam (2011, p. 93), de "uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro", em que o sujeito se reconhece como parte inseparável do coletivo. Essa ética solidária implica na promoção de valores como empatia, justiça, cooperação e sustentabilidade. Ao compreendermos que as nossas ações individuais

geram impactos coletivos, percebemos a urgência de repensar o nosso modo de viver, consumir, produzir e conviver.

A solidariedade emerge, assim, como condição imprescindível para enfrentar as grandes urgências planetárias: pobreza extrema, desigualdades estruturais, migrações forçadas, guerras diversas e constantes, crise climática. Mais do que virtude, a solidariedade é pilar para a construção de um futuro possível, pautado pela corresponsabilidade e pelo respeito pela diversidade da vida.

O caminho da solidariedade é um chamado à regeneração da humanidade, capaz de restaurar vínculos, ampliar a consciência planetária e construir novas formas de convivência. É um princípio estruturante da ação humana em todas as suas dimensões: individual, social, ecológica e planetária. Nesse caminho de solidariedade, torna-se possível vislumbrar a construção de um mundo mais justo, equitativo e sustentável, capaz de responder aos desafios complexos do nosso tempo.

Diante da crise multidimensional — econômica, ambiental, sanitária, ética e espiritual — Morin alerta sobre a necessidade de se "mudar de via" (2019); repensar as nossas escolhas coletivas, o nosso estilo de vida e os paradigmas que sustentam as sociedades contemporâneas. Estamos diante de um cenário repleto de incertezas. A humanidade, imersa num fluxo constante de tensões e transformações, não se preparou adequadamente para os desafios emergentes. Mas Morin nos adverte (2020b, n. p.): "É o momento de mudarmos de rumo em prol da proteção do planeta e de uma humanização da sociedade."

Tal mudança exige uma revisão profunda dos nossos hábitos cotidianos e da lógica que rege as nossas instituições. Implica romper com os paradigmas técnico-econômicos que perpetuam exclusão e desigualdade, abrindo espaço para alternativas que promovam o florescimento humano e a justiça socioambiental. Trata-se também de criar espaços efetivos para o debate ético, a resistência criativa e o fortalecimento da convivência democrática. Neles, a ação coletiva pode gerar novas possibilidades de vida, ancoradas na consciência de pertencimento à espécie humana e à Terra.

Referindo-se, mais uma vez, aos anos recentes de pandemia, Morin nos alerta (2020a, n. p.):

Teremos aprendido algo nestes tempos de pandemia se soubermos redescobrir e cultivar os valores autênticos da vida: o amor, a amizade, a fraternidade, a solidariedade. Valores essenciais que sempre conhecemos e que, infelizmente, sempre esquecemos.

Com esse chamado comovido, Morin nos convida a transformar a dor e o isolamento em oportunidades de reflexão, mudança, um novo pacto civilizacional. Ao cultivarmos esses valores no nosso cotidiano, enriquecemos as nossas relações e contribuimos para a construção de sociedades mais compassivas, cooperativas e solidárias. Trata-se, afinal, de um apelo à ação coletiva e transformadora, para que possamos emergir da crise, não apenas resilientes, mas também renovados, ou melhor, metamorfoseados em nossa condição de sujeitos humanos e cidadãos da Terra.

#### 4 Considerações finais

Diante das múltiplas crises que atravessam o nosso tempo – ambiental, social, ética e civilizacional – torna-se urgente repensarmos os fundamentos sobre os quais estruturamos a nossa vida em comum. A reflexão aqui proposta, ancorada nas ideias de Edgar Morin, convoca-nos a um exercício de lucidez crítica, para que possamos reencontrar os fios que tecem solidariedade e fraternidade como princípios orientadores da ação humana no século XXI.

A fraternidade, entendida como disposição relacional que transcende os vínculos imediatos da consanguinidade, adquire um estatuto civilizacional, quando reconhecida como fundamento de convivência baseada no reconhecimento da dignidade de cada ser humano e da interdependência entre todos os povos. Juntamente com ela, a solidariedade emerge como prática ética e política, profundamente enraizada na consciência de nossa pertença à comunidade humana e ao destino comum da Terra.

Esses dois princípios não podem ser concebidos como valores acessórios ou meramente desejáveis. Devem ser compreendidos como pilares de uma nova racionalidade – aberta, complexa, transdisciplinar – capaz de

enfrentar os desafios planetários com responsabilidade coletiva. A proposta de Morin de uma "ética da compreensão planetária" (2019) exige que a educação do futuro assuma o compromisso de formar indivíduos sensíveis à diversidade, abertos ao diálogo e envolvidos na construção de um mundo mais justo, sustentável e solidário.

Como Morin afirma (2022, p. 68):

civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se objetivo fundamental e global de toda a educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade.

Esta afirmação sintetiza o horizonte utópico-realista que deve orientar as nossas escolhas pessoais, sociais e políticas. A educação não pode limitar-se à transmissão de conteúdo ou ao desenvolvimento de competências técnicas, mas deve ser, sobretudo, um processo de autorreflexão, no qual o sujeito se transforma, ao mesmo tempo que transforma o mundo à sua volta.

Assim, os "oásis de fraternidade" propostos por Morin não são meros refúgios, mas são espaços de resistência ativa e de germinação de novas possibilidades de existência. São experiências locais com potencial de alcance planetário, pois se configuram como formas de organização social baseadas em cooperação, reciprocidade e cuidado, elementos imprescindíveis para a construção de uma nova civilização.

Caminhos fraternos e solidários delineados neste trabalho representam mais do que propostas éticas ou recomendações pedagógicas, mas, compõem um projeto civilizacional que reivindica a urgência de transformar o nosso modo de pensar, sentir e agir. A regeneração do humanismo dependerá da nossa capacidade de estabelecer novas relações conosco, com os outros e com o planeta. Dependerá, ainda, do cultivo de um novo *ethos* planetário, em que o "nós" não seja compreendido como oposição ao "eu", mas como sua complementaridade. Só assim poderemos vislumbrar um futuro habitável, em que esperança não seja mero consolo, mas força ativa de transformação<sup>1</sup>.

---

**1** Correção gramatical realizada por: Eliane Herrero Lopes, professora, revisora e tradutora autônoma, formada em Letras pela Universidade São Marcos, 2009. Lattes: 9913002914650164. E-mail: [liherrero@gmail.com](mailto:liherrero@gmail.com)

**Agência de pesquisa financiadora da pesquisa**

Não houve financiamento para a pesquisa.

**Declaração de conflito de Interesses**

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

**Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)**

*Concepção do trabalho:* Izabel Petraglia e Mariangelica Arone

*Metodologia:* Izabel Petraglia, Mariangelica Arone e Wilson Horvath

*Validação:* Izabel Petraglia, Mariangelica Arone e Wilson Horvath

*Redação:* Izabel Petraglia, Mariangelica Arone e Wilson Horvath

*Revisão e Edição:* Izabel Petraglia

**Declaração de Uso de Inteligência Artificial**

Não aplicável.

**Material suplementar**

O material suplementar referente a este artigo está disponível online.

**Agradecimentos**

Não aplicável.

## Referências

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1953.

KRENAK, Ailton. **As lições do desastre**. [S. l.], 1 jan. 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/01/01/interna\\_pensar,1225161/as-licoos-do-desastre.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/01/01/interna_pensar,1225161/as-licoos-do-desastre.shtml). Acesso em: 23 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 2: a vida da vida**. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

MORIN, Edgar. **Vivemos em um mercado planetário que não soube suscitar fraternidade entre os povos**. [Entrevista cedida a] IHU. Unisinos, 2020a. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598089-vivemos-em-um-mercado-planetario-que-nao-soube-suscitar-fraternidade-entre-os-povos-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 23 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **É hora de mudar de via**. Unisinos, 2020b. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604761-e-hora-de-mudar-de-via-alerta-edgar-morin>. Acesso em: 20 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **Existem forças autodestrutivas em jogo, tanto nos indivíduos quanto nas coletividades, ignaras de serem suicidas**. [Entrevista cedida a] IHU. Unisinos, 2020c. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/598144-existem-forcas-autodestrutivas-em-jogo-tanto-nos-individuos-quanto-nas-coletividades-ignaras-de-serem-suicidas-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **A mundialização é uma interdependência sem solidariedade por Edgar Morin**. Cidades Afetivas, 2020d. Disponível em: <https://www.cidadesafetivas.com.br/a-mundializacao-e-uma-interdependencia-sem-solidariedade-por-edgar-morin/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

MORIN, Edgar. **Humanista regenerado, Edgar Morin apresenta lições de um século de vida**. Portal UAI, 4 fev. 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/02/04/interna\\_pensar,1342435/humanista-regenerado-edgar-morin-apresenta-licoos-de-um-seculo-de-vida.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/02/04/interna_pensar,1342435/humanista-regenerado-edgar-morin-apresenta-licoos-de-um-seculo-de-vida.shtml). Acesso em: 5 mar. 2026.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis Le. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falcí. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar *et al.* Para um Pensamento do Sul. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL, 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: SESC, 2011a. p. 20-35.

VELOSO, Caetano. Um índio. *In*: VELOSO, Caetano. **Doces bárbaros**. Rio de Janeiro: Polygram, 1976. 1 CD. Faixa 15.